



Bruno Santos/Folhapress

Auxiliares de enfermagem que trabalham na região do Grande ABC relatam que foram agredidas no ambiente de trabalho

70% dos enfermeiros do país não se sentem seguros no trabalho

Perfil da categoria com 1,8 milhão de pessoas e que inclui técnicos e auxiliares revela agressões, ofensas e até estupro

Pesquisa da Fiocruz e do Conselho Federal de Enfermagem aplicou questionários a 36 mil profissionais

CLAUDIA COLUCCI DE SÃO PAULO

"A gente fica até aliviado quando o plantão acaba e só ouviu as ofensas de sempre, como 'vagabundo, eu pago o seu salário'. Isso já virou rotina, nos acostumamos." A frase do enfermeiro F.M., 31, há 11 anos atuando em hospital público de São Paulo, resume bem o atual cenário vivido pela enfermagem no país: quase 70% desses profissionais não se sentem seguros no local de trabalho.

Os dados são de pesquisa inédita com o perfil da maior categoria da saúde, que reúne 1,8 milhão de enfermeiros, técnicos e auxiliares. O trabalho, realizado pela Fiocruz e pelo Cofen (Conselho Federal de Enfermagem), mostra que um quinto dos trabalhadores (19,8%) relata a existência de violência no ambiente de trabalho, principalmente a psicológica (66%). Foram entrevistados 36 mil profissionais dos 27 Estados, todos por meio de questionários eletrônicos.

Na semana passada, a auxiliar de enfermagem E.S., 29, que trabalha numa UPA (Unidade de Pronto-Atendimen-

to) no Grande ABC, tinha marcas de unha no pescoço. "Assumi o plantão sozinha às 18h. Duas colegas tinham faltado e a emergência estava lotada. Uma senhora que esperava desde as 16h se irritou com a demora, me chamou de vagabunda e me agrediu."

INSATISFAÇÃO

Segundo Manoel Neri da Silva, presidente do Cofen, falta segurança em praticamente todos os serviços públicos de saúde. "A população está insatisfeita com o sistema de saúde e descarrega no primeiro profissional que vê pela frente, que é o da enfermagem." A saúde é o principal problema do país, segundo pesquisa Datafolha, na opinião de 26% dos entrevistados.

Na condição de anonimato, a Folha conversou com dez profissionais da enfermagem que contam histórias de agressões verbais ou físicas, muitas delas praticadas por parentes do paciente.

A auxiliar de enfermagem T., 47, no Samu há 12 anos, conta que no dia 30 de maio foi atender um alcoólatra com dificuldade respiratória e foi atacada pela mulher dele, também alcoolizada.

"Ele agarrou o meu cabelo e me encheu de tapas porque demoramos para chegar. Fui salva pelo motorista", diz.

Na pesquisa da Fiocruz/Cofen, menos da metade dos profissionais (46,6%) afirma

ser tratado com cordialidade pelos pacientes.

MULHERES

Segundo Fabíola Braga Mattozinho, presidente do Coren-SP (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo), a situação de violência tem piorado nos últimos meses e afeta, principalmente, as mulheres, que são a maioria (83%) na enfermagem.

"Temos dois casos de estupro e inúmeras agressões. Estamos mapeando tudo." Um dos casos de estupro ocorreu no mês passado em São Bernardo (SP), perto da UPA onde a vítima, uma auxiliar de enfermagem, trabalha.

A mulher reconheceu um dos suspeitos como sendo um homem que estava na unidade de saúde na tarde do crime. O acusado está preso.

O Coren pediu à Secretaria de Segurança melhoria do policiamento preventivo e ostensivo nas regiões próximas às unidades de saúde.

Em nota, a secretaria informou que investiga todos os casos que são registrados e que o número de estupros está em queda no Estado.

Para o enfermeiro Luciano Rodrigues, conselheiro do Coren, há omissão dos gestores em denunciar os casos de violência contra os profissionais porque isso pode configurar acidente de trabalho.

"O profissional tem medo de denunciar as agressões e ainda sofrer represálias."

ANÁLISE

Ambiente é hostil tanto para o atendente como para o atendido

MARIA HELENA MACHADO ESPECIAL PARA A FOLHA

De um modo geral, os ambientes de saúde no Brasil, por si só, já são hostis, pouco acolhedores, sem qualquer senso de estética e harmonia.

Aqueles que estão na portaria fazendo o primeiro atendimento são, quase sempre, grosseiros e desatenciosos. Raramente você sai satisfeito e recompensado de lá.

A cadeia de violência tem origem quando o familiar chega com seu parente precisando de atendimento.

Eles adentram o recinto já dispostos à briga e não reconhecem naquelas pessoas vestidas de branco profissionais que estão lá para atendê-lo e prestar assistência, apesar do ambiente hostil, mal cuidado, mal estruturado, sem conforto mínimo para eles que passam 8, 12 ou até 24 horas de plantão.

Sem contar as inúmeras vezes em que esses profissionais têm que se valer dos poucos recursos lá disponíveis para prestar a assistência. Tudo isso é violência silenciosa.

O paciente, o familiar, muitas vezes já chegam munidos de uma intolerância absurda e desmedida, confundindo grosserias com cidadania.

Esse clima de violência está adoecendo os profissionais. A intolerância assumiu tal proporção que, por vezes, tem-se a sensação de que estamos em um ambiente policial, e não de saúde.

Essa violência tem sido motivo de muitos debates, mas com pouca ação por parte da gestão pública.

MARIA HELENA MACHADO é pesquisadora titular da Fiocruz.

PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL

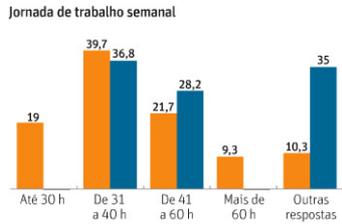
Pesquisa detalha a linha de frente do atendimento de saúde no país

46,6% dos entrevistados dizem que há tratamento respeitoso por parte dos usuários

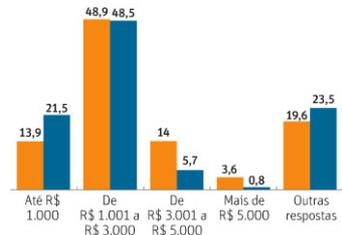
28,9% dizem haver proteção no ambiente de trabalho contra violência

19,6% afirmam sofrer violência no trabalho (66% destes citam violência psicológica)

Respostas, em %



Rendimentos mensais



Condição excelente, ótima ou boa do ambiente de trabalho

Público 57%

Privado 81,2%

A PESQUISA

Feita com 36 mil enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem de 18 a 80 anos, em metade dos 5.570 municípios brasileiros, nos 27 Estados, em 2013

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil 2013, realizada pelo Conselho Federal de Enfermagem e pela Fiocruz. A margem de erro é de 4,5 pontos percentuais

Cerca de 2% recebem menos de 1 salário mínimo

DE SÃO PAULO

Além de se sentir ameaçada, a categoria de enfermagem também é mal paga. A pesquisa da Fiocruz e do Cofen mostra que 16,8% dos profissionais declaram ter renda total mensal de até R\$ 1.000. Cerca de 2% deles (em torno de 27 mil pessoas) recebem menos de um salário mínimo por mês.

Há "subsalários" nos quatro grandes setores (público, privado, filantrópico e de ensino).

O privado (21,4%) e o fi-

lantrópico (21,5%) são os que mais praticam salários com valores de até R\$ 1.000.

Em ambos, mais da metade do contingente que lá trabalha ganha até R\$ 2.000.

A dificuldade de encontrar emprego foi relatada por 65,9% dos profissionais de enfermagem. Dez por cento deles estiveram desempregados, em algum momento, nos 12 meses que antecederam a pesquisa.

Para o presidente do Cofen, Manoel Neri, a situação é resultado da grande oferta de mão de obra.

"Vemos a proliferação desordenada de cursos de qualidade duvidosa e, agora, a formação por cursos de educação à distância. Isso é um crime contra a saúde." (cc)

MORTES

ANGELINA PEREIRA DE QUEIROZ - Aos 95. Deixa irmãos, cunhadas e sobrinhos. Cemitério da Consolação.

ELIANA APARECIDA DESCO MINAS COSTA - Aos 56, casada com José Mi-

nas Costa Júnior. Deixa três filhos, e netos. Cemitério da Cachoeirinha.

STELA MOTA CALDEIRA LEITÃO TEIXEIRA - Aos 60, viúva de Alvaro Teixeira. Deixa os filhos Rodrigo e Fer-

nanda, genros e a neta Ana Paula. Cemitério Parque dos Ipês.

7º DIA

CID NEY BESSA DA FRANCA JUNIOR - Hoje (9/6), às 18h30, na paróquia São Gabriel, av. São Gabriel, 108, Jardim Paulista.

MARIA TEREZA DE FREITAS STEFANI (TATA) - Hoje (9/6), às 12h30, na capela de São Pedro e São Paulo, r. Padre José Grieco, 111, Cidade Jardim.

MARIO SIMÕES D'ÁVILA - Hoje (9/6), às 19h30, na paróquia São João de Brito, r. Nebraska, 868, Brooklin Novo.

SYLENE ROCHA BACCARAT - Amanhã (10/6), às 11h, na paróquia São José, r. Dinamarca, 32, Jardim Europa.

YVONNE DE CAMPOS SALLES - Hoje (9/6), às 19h30, na igreja Imaculada Conceição, av. Brig. Luis Antonio, 2.071, Bela Vista.

30º DIA CALIXTO SOUBINE - Hoje (9/6), às 17h, na Igreja Imaculada Conceição,

av. Brig. Luis Antonio, 2.071, Bela Vista.

SERVIÇO

VOCÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP: tel. (11) 3247-7000 e 0800-10-9650 fax (11) 3242-4203

Serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG); Certidão de Nascimento (em caso de menores); Certidão de Casamento.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA: tel. (11) 3224-4000

segunda à sexta, das 8h às 20h, sábados e domingos, das 9h às 17h.

AVISO GRATUITO NA SEÇÃO: tel.: (11) 3224-3505 ou (11) 3224-3305

e-mail: necrologia@folha.com.br até as 15h, ou até as 19h da sexta-feira para publicação aos domingos. Se utilizar o e-mail, coloque um número de telefone para a checagem das informações. Aos domingos, ligue para (11) 3224-3602, das 15h às 18h.

ALFREDO SANGIORGIO (1922-2015)

Saxofonista brincalhão e alfaiate

PEDRO IVOMÉ DE SÃO PAULO

Alguns dos fãs da banda punk Ratos de Porão sabem que o baixista do grupo, Juninho, aprecia muito jazz. Mas são poucos os que conhecem a origem do gosto musical: seu avô, Alfredo Sangiorgio, foi um saxofonista dedicado ao estilo, influenciando o neto.

Alfredinho, como ficou conhecido, trabalhou na orquestra da TV Record nos anos 50 e 60, tocando também na rádio da emissora. Acompanhou grandes nomes em apresentações no Brasil, como Nat King Cole e Ella Fitzgerald.

Aos 12 anos, começou a estudar música por influência do pai, sapateiro e trombonista, que lhe deu um violino. Dedica-se ao arco quando não estava aprendendo a manejar agulha e linha em uma alfaiataria do Bom Retiro, no centro de SP, onde nasceu.

O sax veio na adolescência. Ganhou o instrumento de um de seus cinco irmãos, também músico. Desde então, começou a mostrar seu talento na noite paulistana, complementando a renda como alfaiate quando precisava.

Brincalhão, reunia-se com outros músicos da Record para pregar peças nos novatos.

Pedia "aquele prato" para o garçon, que trazia rolha de garrafa à milanesa. Os colegas gargalhavam quando o calouro percebia o troie.

Em 2005, perdeu a mulher após 58 anos de casamento. Uma semana depois, teve um AVC que afetou seus movimentos. Por medo de falhar no saxofone, parou de tocar.

Estava no próprio quarto quando teve uma queda no último dia 15. Após ficar duas semanas internado, morreu no dia 31, quando completou 93 anos, por falência de múltiplos órgãos. Deixa três filhos e quatro netos.

coluna.obituario@uol.com.br

Os filhos, Persio e Priscila e os netos Paula, Anna Livia, Cristina, Maria Alice e Fernando, convidam para a Missa em memória da querida

ALICE FARAH ARIDA

A realizar-se no dia 10 de Junho de 2015, quarta-feira, às 12 horas, na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Rua Honório Líbero, 100 - Jardim Paulista.